

participantes e a verificação de demandas. São realizadas orientações sobre vínculo e apego, sobre os dispositivos utilizados, além da importância desse processo e os benefícios de realizar o momento canguru mesmo o bebê estando com dispositivos. O suporte emocional é direcionado observando a relevância do conhecimento mútuo, interação, comunicação e vínculo mãe bebê. **Conclusão:** Constata-se a relevância dos Grupos de Encontro pela possibilidade de um manejo focado nas experiências de familiares em UTI Neonatal. A troca recíproca de pensamentos e sentimentos entre os membros do grupo revela-se vantajosa na medida em que os participantes se apercebem que outras pessoas semelhantes vivenciam as mesmas angústias, dificuldades, dúvidas e deixam de se sentir únicos nessa jornada permeada de conflitos e incertezas. Acresce-se o fato de que os grupos de encontro exercem uma intensa sensação de universalidade. Especialmente no estágio inicial da internação do paciente em Unidade de Terapia Neonatal, as mães costumam experimentar intenso alívio ao perceber que não estão sozinhas o que estimula a auto-revelação e a motivação para continuar enfrentando a situação. A presença do Psicólogo Hospitalar nesse cenário, substituído por familiares e bebês desamparados em sua maioria, reveste-se da possibilidade de expressão de sentimentos, desejos e necessidades, abrindo-se espaço para trocas genuínas e resgate de sentidos. Além disso, a avaliação de risco psicológico nos grupos de encontro possibilita a sistematização das informações dos vários aspectos do funcionamento do paciente e familiares a fim de elucidar hipóteses que são necessárias para a adequada intervenção.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.2110>

QUANDO AS CRIANÇAS PODEM OLHAR DE FRENTE PARA O SEU ADOECER: GRUPOS DE ENCONTRO E ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO A PACIENTES PEDIÁTRICOS EM TRATAMENTO ONCOLÓGICO

H Chiattonne, RC Rocha, BAD Santos

HC Núcleo de Assistência Psicológica Hospitalar,
São Paulo, SP, Brasil

Objetivos: Este trabalho objetiva caracterizar os grupos e acompanhamento psicológico de pacientes pediátricos, em tratamento oncológico, como ferramenta eficaz de cuidado, por resgatar capacidades, instigando recursos de enfrentamento positivos. **Material e método:** Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, conduzido na rotina do Psicólogo em 2024. Utilizamos a pesquisa retrospectiva de evoluções de prontuários no sistema e as planilhas diárias de controle de atendimentos, além da planilha de produção mensal. Foram realizados 14 grupos de crianças, caracterizadas como grupos operativos, abertos, temáticos, com enfoque terapêutico, contando com a participação de todos os acompanhantes presentes. Os grupos são semanais e também ocorrem atendimentos psicológicos prévios individuais. **Resultados:** As avaliações psicológicas prévias apontaram manifestações psíquicas e comportamentais de impotência, dificuldades de adaptação a internação prolongada, tédio por falta de

estímulos, medo do avanço da doença, preocupação com intercorrências, luto pela perda da saúde, desesperança, agressividade, alterações de humor e desejo pela cura e término de tratamento. Como principais intervenções psicológicas, foi registrado a escuta ativa, acolhimento, fortalecimento de mecanismos de enfrentamento, avaliação de mecanismos de defesa, manejo de manifestações de angústia, orientações comportamentais, aplicação de técnicas de distração terapêutica e relaxamento. São ofertadas atividades gráficas; desenho, colagem, prontuário afetivo e escuta ativa. As atividades são realizadas individualmente no primeiro momento para melhor anamnese e orientação, mas também são realizadas atividades em grupos para melhor adaptação do paciente e familiar que passam por situações adversas advindas do tratamento e ambiente hospitalar. **Conclusão:** Constatamos que a avaliação psicológica prévia e os grupos de crianças oncológicas são ferramentas eficientes para que os pacientes possam vivenciar experiências semelhantes às de seu dia-a-dia e, com isso, podem generalizar com maior rapidez os seus ganhos. Em grupo, verificamos que os pacientes podem entrar em contato com um maior número de situações problema e visualizar saídas mais condizentes, aumentando seu repertório de respostas positivas na vivência da hospitalização e tratamento. pois os membros do grupo são modelos mais eficazes. Nessa medida, temos verificado que a intervenção terapêutica tem sido imediata, pelo alívio da angústia aguda. A prática tem se revelado eficaz ao responder às necessidades ou capacidades eletivas dos pacientes. Em grupo, as crianças conseguem comunicar-se melhor, tanto através da linguagem verbal quanto por meio de uma linguagem simbólica, proporcionando ao psicólogo a possibilidade de observar seu comportamento, interpretando o significado de seus jogos e de suas interações. Além disso, a troca recíproca de pensamentos e sentimentos entre pacientes e acompanhantes revela-se vantajosa na medida em que se apercebem que outras pessoas semelhantes vivenciam as mesmas angústias, dificuldades, dúvidas e deixam de se sentir únicos nessa jornada permeada de conflitos e incertezas. Aprender que seus problemas não são únicos e que podem ser compartilhados com demais pessoas pode promover uma troca mais rápida de informações e ressignificação do processo de adoecimento.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.2111>

MEU AMIGO PACIENTE - UTILIZAÇÃO DE FANTOCHES COMO INSTRUMENTO TERAPÊUTICO NO PRONTO SOCORRO INFANTIL

H Chiattonne, RC Rocha, AT Ribeiro,
ABS Oliveira, CF Fontana, TG Caetano, SS Lima,
B Rebecchi, FT Fiorentino, JC Rodrigues

Rede D'Or São Luiz – Unidade Anália Franco, São
Paulo, SP, Brasil

As atividades lúdicas, como a criação de fantoches, desempenham um papel crucial na vida das crianças hospitalizadas, aliviando o estresse e ajudando na compreensão do processo